

SEIS TESES SOBRE A RESISTÊNCIA CULTURAL

As teses a seguir apresentadas enquadram-se na publicação de materiais dedicados à resistência cultural que, no nosso país, é comemorado a 16 de Junho.

Oliveira Barros é poeta cabo-verdiano e as teses aqui inseridas foram publicadas na revista RAIZES N.º 4.



1

O sistema colonizador age sobre o espaço colonizado através da subjugação económica, social, política e ideológica. Absorve, missiona, proíbe e esvazia do seu sentido originário as manifestações culturais autóctones e impõe os seus próprios valores. Marx constatou essa verdade histórica: «as ideias dominantes são as da classe dominante; são as ideias da sua dominação».

Vista a colonização como fenómeno globalizante e totalitário, a descolonização terá de ser uma guerra sem quartel a todos os níveis da praxis, conglobando naturalmente a resistência cultural; o seu êxito ou fracasso,

estão dependentes do maior ou menor radicalismo dessa negação.

2

Tendo existido uma cultura pré-colonial, o processo colonialista desvirtuou-a insignificou-a ridicularizou-a e, sob pretexto de barbárie, vezes sem conto proibiu as suas manifestações.

Todavia, se chegou a haver resistência cultural sob o domínio colonial e antes do surto dos movimentos de emancipação das massas populares, ela foi levada a efeito por e para intelectuais burgueses, enfeudados a um certo luso-tropicalismo europeu, índice seguro, aliás

Entendemos que algumas das ideias são polémicas. Particularmente na tese 4 defende-se que a integração da pequena burguesia revolucionária na reconstrução fez com que deixasse de produzir o que mostra que nunca houve uma cultura verdadeiramente popular. Esta afirmação é controversa porquanto mesmo no caso da poesia (onde esta tese poderia encontrar fundamento) não é verdade que ela fosse apenas produzida por esse extracto social. Quem não se lembra dos versos das canções de resistência cantadas pelo povo?

Para além do próprio conceito referente ao extracto social, ser polémico (pois achamos que origem de classe é uma coisa, posição de classe é outra), negar a existência de uma cultura popular de resistência é, pelo menos, audaz. Com efeito, se entendermos o conceito de cultura numa perspectiva global, vemos claramente que, mesmo em situação de forte repressão, o Povo nunca deixou de a produzir e de a integrar como uma das formas de resistência. Se não como explicar a receptividade das massas à ideia da libertação?

Contudo, achamos que as teses inseridas podem contribuir para uma reflexão sobre a problemática da resistência cultural e daí a sua publicação.



do seu grau de assimilação da cultura invasora, mesmo quando lançaram mão da própria linguagem, usos e costumes populares que folclorizavam num arremedo de nacionalismo ou, mais rigorosamente, de regionalismo. Na realidade, o espírito burguês dominante chegava ao ponto de apresentar às massas uma arte popular pré-fabricada.

3

Quem vanguardizou a resistência cultural nos primórdios das lutas de libertação e ao longo delas foi a pequena burguesia que, assumindo integrar-se na frente única contra a opressão colonial terá relegado para segundo plano — na medida em que lhe foi possível — o seu subjectivismo de classe. No entanto, a literatura de combate ou de protesto p.e., proclamativa, panegirística e panfletária, não atingiu a medida e qualidade que seriam de desejar: terá, outrossim, ganho em eficácia o que perdeu em qualidade.

4

A Independência Nacional não arrastará forçosamente o ressuscitar ou revivescer das autênticas manifestações culturais das massas populares libertadas do jugo colonial. Pondo de lado a estreiteza de visão dos que pensam que não há contra quem ou quem resistir uma vez que a colônia se fez nação, a coexistência da Independência Nacional e do silêncio cultural, deve-se quanto a nós, a um facto fundamental: o arranque gigantesco da

reconstrução nacional, aliado à carência de quadros, integrou de «corpo e alma», a pequena burguesia revolucionária na produção, retirando-lhe o chamado tempo de criação, o que vem confirmar a tese de que nunca existiu uma cultura verdadeiramente popular precisamente porque, nas relações de produção, as classes produtoras não podiam dispor desse tempo. A classe particular, liberta do trabalho efectivo, é que tem vindo a ocupar-se de criar cultura desde o escravagismo até aos nossos dias.

5

O que é a cultura senão a esfera geral do conhecimento e das representações do vivido na sociedade histórica dividida em classes?

A luta da tradição e da inovação, que é o princípio do desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, não pode ser prosseguida senão através da vitória permanente da inovação.

O impasse aparente que se depara aos criadores da cultura poderá ser superado através de uma cultura oficial de carácter pragmático, programático, simplista, idolatrante quando não mistificador?

Semelhante solução tenderia fatalmente a levar à queda no repetitivo, na redundância, na retórica e na glorificação do passado com toda a sua inocuidade sob o ponto de vista histórico da transformação da sociedade de classes. E, se não representa o colapso da cultura, também não aponta no sentido da vitória da inovação sobre a tradição.

6

Que dizer do retorno às origens? Procurar o que de autêntico, actual e actuante possa existir nas manifestações culturais originárias subjugadas pelo colonialismo ou recolher elementos tendentes à elaboração de uma verdadeira e desmistificada história nacional visando consolidar a consciência nacional, dando a conhecer ao povo os fundamentos remotos da sociedade em que se encontra enquadrado?

Sendo certo que se deva restituir ao cidadão a história autêntica da sua sociedade e à nação a sua verdadeira dimensão e o seu papel no contexto universal, certo já não é que o puro e simples retorno às origens tenha ponderoso valor revolucionário posto que nenhuma cultura se manteve genuinamente nacional (e historicamente não poderia manter-se), não só porque a realidade actual já não é a mesma como também porque a miscigenação cultural a diversos níveis da interacção colonizador-colonizado desencoraja a que se erigam bandeiras desfiguradas e caricaturais, como significantes de significados que o próprio devir histórico se encarregou de dar sentido novo.

Diremos com Henri Levévre:

«Os grandes e velhos símbolos, a lua, as estrelas, o sol, o céu, a terra, as trevas, a luz, conjurados e esconjurados sem cessar, não se tornaram por isso mais vivos. Nunca mais serão o que foram para os pastores nómadas.»